

Imaginário clubístico, política e reciprocidade, ou O que as estátuas podem nos dizer? Por uma análise comparada das representações sobre Flamengo e Fluminense a partir das estátuas de Gilberto Cardoso e Arnaldo Guinle

Por Luiz Guilherme Burlamaqui

Ao longo do século XX, a oposição entre Clube de Regatas Flamengo e o Fluminense Futebol Clube – o Fla-Flu – foi construída por meio de uma série de representações eruditas e populares, históricas, episódios míticos e espaços arquitetônicos. Através destes símbolos, ao Flamengo seria atribuída uma comunidade imaginada nacional popular, enquanto o Fluminense, em contraponto, permaneceu relativamente vinculado à imagem da aristocracia e da nobreza togada. Na construção desta oposição, o fluxo de representações construídas e forjadas pelos intelectuais desempenhou um papel decisivo (mas não exclusivo) para a construção do caráter identitário de cada equipe.

Se assumirmos, por conseguinte, o fato de que os presidentes, como líderes, configuram-se como as “pessoas morais” do grupo, e veremos que através deles são corporificadas as tradições etéreas do clubismo, os valores simbólicos são materializados. Não me parece casual ou casuístico que o presidente do São Paulo tenha – em tom francamente jocoso – concedido uma entrevista em que dizia que o “Kaká era a cara do São Paulo porque tinha todos os dentes na boca”. Outrossim Andrés Sanchez, presidente corintiano, fazia, em suas aparições ou entrevistas, questão de dizer que tinha muito orgulho de não dominar o português gramaticalmente correto.

Da mesma sorte que entre os torcedores, os dirigentes incorporam este léxico lançando mão deste léxico, quer para negar aquilo que é, quer para afirmar aquilo que se pretende ser. Nesta trilha, embora lograr êxito esportivo seja importante elemento de catálise para o prestígio deste ou daquele dirigente, ela não é o fator determinante para elevar o Um dirigente pode ser exitoso sem que exista uma identificação clara entre os torcedores e a sua figura; ou um dirigente pode obter um êxito menor e provocar uma grande identificação. (Bromberger, 1995)

Neste espetáculo de formação de identidades e alteridades, a história dos clubes é um dos recursos mais importantes a serem acionados na construção desta diferença. No Rio de Janeiro, por exemplo, entre os torcedores vascaínos, é muito importante acionar a imagem do clube como “de subúrbio”, excluído do circuito do poder que

precisou, para ingressar na Liga efetuar uma aliança entre outsiders – portugueses e negros – contra os estabelecidos do poder. Neste processo, uma figura que a grande mídia representa como “caricatural” – a de Eurico Miranda –, adquire um sentido sacrossanto. Na visão de um segmento relativamente extenso de vascaínos, Eurico é aquele que “contra tudo e contra todos” (os poderosos ou os “não-Vasco”, como ele gosta de dizer); é a representação encarnada (incorporada) desta história. Num movimento, transfere-se a história do clube à figura do dirigente, como é evidenciado no título da biografia de Sérgio Frias: “Todos contra ele”.

À semelhança do mito, com o perdão de uma analogia com um quê de funcionalismo, a história dos clubes é reconvertida em um espaço aberto à contradição e a sua resolução, um espaço em que os valores do clubismo são encenados, numa síntese, um “esquema simbólico de eficácia permanente” (Lévi-Strauss, 2005) que pode ser acionado a qualquer momento pelos agentes no campo. Mestre da vida, a história, assim como o mito, também é inquestionável, naturalizada. No limite, somos levados, como Lévi-Strauss a nos perguntar:

se uma história objetiva e científica é possível, ou, se, em nossas sociedades modernas, *a história desempenha um papel análogo ao dos mitos*. O que os mitos fazem pelas sociedades sem escrita – legitimar uma ordem social e uma concepção de mundo, explicar o que as coisas são e pelo que elas foram encontrar justificativa de seu estado presente num estado passado, e conceber o futuro em função, a um só tempo, deste presente e desse passado – este é também o papel que nossas civilizações concedem à história. (Lévi-Strauss, 2011 [1983]).

Num procedimento típico à memória, trabalho de enquadramento desta história numa retórica da verdade – “das coisas como realmente foram” – é indispensável já que ele está na base da produção dos elementos que sedimentam e dão coesão ao grupo estudado. Por outro lado, não nos cabe aqui desmistificar ou reafirmar a veracidade desta história-memória, mas sim, tentando escapar a este dilema, seguir uma trilha aberta por Pierre Bourdieu. Aqui, será preciso pensar os “dois estágios da história”: o incorporado e o reificado, e, indo além, a passagem do primeiro ao segundo.

Neste sentido,

Para escapar às alternativas mortais nas quais se encerrou a história ou a sociologia (...), basta observar que toda a ação histórica põe em presença de estados da história (...) ou do social no seu estado *objetivado* (*reificado*)₁, quer dizer, a história, que se acumulou ao longo do tempo

nas coisas, máquinas, edifícios, monumentos, livros, teorias, costumes, direito, etc., e a história no seu aspecto *incorporado*, que se tornou *habitus*.” (Bourdieu, 2000: 82)

Aqui, pretendo reconstruir sumariamente a trajetória dos dois principais presidentes de clube do Flamengo e do Fluminense: Arnaldo Guinle e Gilberto Cardoso. Depois de obterem um alto índice de identificação entre os seus torcedores, os dirigentes são convertidos em estátuas colocadas na sede de cada uma das equipes. A hipótese é de que as estátuas existentes nos dois principais clubes do Rio de Janeiro – Flamengo e Fluminense – narram as diferenças dos clubes: de um lado, Arnaldo Guinle, representado em *busto*, o presidente que “arquitetou” a construção do estádio das Laranjeiras; de outro, Gilberto Cardoso, representado em corpo, o presidente que “entregou” a vida pelo Flamengo.

A própria maneira de construí-las já, em si mesma, é fruto desta diferença: se a estátua de Gilberto Cardoso foi elaborada com o dinheiro de uma campanha proposta por Mário Filho no *Jornal dos Sports* pelos torcedores; por sua vez, o busto de Arnaldo foi uma dádiva dos sócios ao patrono tricolor. Na minha dissertação de mestrado, tentei mostrar o lugar central que a ideia de reciprocidade e de honra ocupa no imaginário político e nas narrativas de ascensão ao poder dos dirigentes. Destarte, é preciso pensar aqui que as diferentes formas de doação retraduzem-se em fontes distintas de retribuição.

Além disso, o busto da cabeça de Arnaldo Guinle reside solitário e quase escondido no *interior* do Fluminense; a estátua de Gilberto Cardoso é colocada no *exterior* da sede rubro-negra. Essa oposição entre o exterior e o interior remete a uma oposição clássica na *ciência social brasileira* – a entre *a casa e a rua*. Nos mitos de fundação de Flamengo e de Fluminense, o primeiro é apresentado como aquele aberto à participação dos garotos; enquanto o segundo permanece essencialmente seletivo. Por “não ter campo e não querer pedir ao Fluminense”, o Flamengo treinava na *rua* do Russel. Na visão de Mário Filho, a rua é descrita como o lugar de congregação étnica e simbólica, lugar por excelência da *mistura* entre os rapazes “de medicina” e os garotos que “brincavam em volta, correndo para pegar a bola”. (Filho, 2003: 17)

Na leitura de Mário Filho, este mesmo movimento de abertura do Flamengo à rua produz, em contrapartida, o fechamento do Fluminense que permanece um clube extremamente seletivo, “trancafiado no Palácio” (Filho, 2003), sem deixar a molecada

chegar perto. Nesta chave, o exemplo paradigmático é a geração de 1919 (em particular Marcos Carneiro de Mendonça) que, embora extremamente exitosa, abandona o futebol precocemente. Leonardo Pereira (1999) chegou mesmo a firmar a hipótese de que tais jogadores saem de cena por conta dos novos agentes e o novo público que ingressa no esporte.

Neste sentido, é possível perceber como a antítese entre Flamengo e Fluminense vai se desenhando na oposição entre Gilberto Cardoso e Arnaldo Guinle: a partir de dois objetos, de uma história reificada, as instituições vão produzindo um *ethos* em que se afirmam a partir da alteridade. Antes de ser reificada, a história dos clubes – como procurei insistir – apareceu incorporada no *habitus* de Gilberto Cardoso e Arnaldo Guinle. Desta forma, a embriaguez rubro-negra contrasta com a sobriedade tricolor: há, de um lado, o presidente tão envolvido com a lógica do jogo, que é incapaz de se distinguir dela, e, do outro, o presidente que se mantém impassível, baseando-se na ideologia do *fair play*, sem nunca esquecer de que “um jogo é só um jogo”. O próprio tempo em que cada presidente fica à frente do seu clube traduziria esta diferença porque foram dois mandatos incompletos, fugidios, que Gilberto executou à frente do Flamengo; outro lado, Arnaldo manteve-se como o patrono rubro-negro por mais de quinze anos.

No sentido antropológico do termo, poder-se-ia dizer que Arnaldo Guinle e Gilberto Cardoso operam como “modelos de e para”, isto é, “sintetizam o *ethos* de um povo – o tom, o caráter, e a qualidade de sua vida, seu estilo, e suas disposições morais.” Geertz, 1978b: 105). No limite, se as estatuas pudessem falar, o que elas nos diriam mesmo é que Gilberto Cardoso é obrigado a aparecer de corpo inteiro porque a o que importa na simbólica do vermelho e do preto é o *coração*; ao passo que, na cosmologia tricolor, basta que Arnaldo Guinle tenha a *cabeça* representada. Das estatuas às trajetórias, vamos, ao esboço biográfico de cada dirigente.

Do suicídio de amor:

Em 1955, numa sociedade que ainda chorava a morte de um de seus principais líderes, Getúlio Vargas, Mário Filho aproveitou-se do falecimento de Gilberto Cardoso para fazer aquilo que mais gostava: sobrepor o imaginário do Flamengo à nação-brasileira. Tal e qual Getúlio, Gilberto não havia morrido “espontaneamente”, o que

havia acontecido era um “suicídio de amor”, verdadeiro de ato de devoção do presidente à instituição que tanto amara. Mesmo na crônica-obituário, ainda profundamente abalado com a perda do amigo, o cronista não perderia a oportunidade de dizer: ‘Gilberto *era* o Flamengo’.

Além do cântico em homenagem ao América, já se disse algumas vezes que o único hino do clube-nação que, ao tematizar a natureza inquebrantável entre torcedores e clubes, se refere a ideia de morte é o hino do Clube de Regatas do Flamengo. Escrevendo sobre a relação entre o conceito de pertencimento clubístico e o romantismo, Arlei Damo (2005: 83) chegou a dizer que “o que aproxima um ao outro é o prazer da entrega, de dar-se por inteiro e sem restrições, de dar-se à morte, de morrer de amor, ou de tuberculose, como diria Álvares de Azevedo”. Na estética torcedora, “nada é tão emocionante quanto o suor a escorrer pelo rosto dos atletas, pois isto é tão tocante quanto ver o soldado derramar sangue por uma causa coletiva”. (Damo, 2007:83).

Encenado no teatro do clubismo e numa sociedade que ainda lamentava a morte de seu maior líder, o drama de uma morte física adquire um sentido mítico particular. Assumindo o Flamengo em uma profunda “crise de resultados”, Gilberto Cardoso montou uma equipe extremamente exitosa, logrando o bicampeonato estadual de 53-54. No ano seguinte, o time disputaria o tri, o maior feito que um dirigente poderia aspirar àquela altura. Como já disse, seguindo um argumento de Christian Bromberger, embora as vitórias não sejam fatores decisivos ou determinantes para a identificação de um dirigente com a sua torcida, elas são os elementos de catalisação do prestígio dos presidentes. É no campo que o seu “valor” é, de fato, posto à prova. Neste moínho de prestígio, enquanto Gilberto Cardoso esteve à frente do Clube de Regatas do Flamengo, as vitórias vieram em diversas modalidades e às dezenas.

Em 1955, o futebol já era de longe o esporte nacional, mas o basquete ocupava um lugar importante no *hall* dos principais jogos da nação. Comandado por Togo Soares, o popular Kanela, o Flamengo seguia vitorioso rumo ao que seria um inacreditável deca-campeonato estadual. No jogo contra uma equipe de São Paulo, o Sírio Libanês, a única que, em nível nacional, era capaz de rivalizar com o esquadrão rubro-negro, Gilberto não resistiu a uma vitória emocionante e no último segundo, vindo a sofrer uma parada cardíaca.

A comoção em torno da morte de Gilberto foi generalizada. Na pena da crônica e na leitura dos torcedores, como ressaltai, a morte física adquiriu um sentido de um sacrifício. Seguindo Marshall Sahlins (2003:15), a morte de Gilberto Cardoso adquiriu o sentido de um evento-mítico, fenômeno dotado de “significância histórica”. À morte de Gilberto, seguiu-se um ciclo bastante intenso de dádivas oferecidas ao presidente. A primeira delas, a concessão da benemerência rubro-negra pelos dirigentes; mas também o público das ruas queria honrar “aquele que deu a vida em sacrifício”.

Não custa lembrar que Marcel Mauss observou um caso muito particular da instituição do *potlatch*. Nas sociedades célticas, o suicídio adquire o caráter de “suprema contraprestação”, em que o herói, a futura vítima, depois de receber um conjunto de presentes e de redistribuí-los aos amigos e aos familiares, “a quem ama tanto que se sacrifica por eles”, suicida-se em frente a uma plateia de nobres e de guerreiros. (Mauss: 2003, 269). Num exercício de poesia, Mario Filho, como se disse, comparou a morte a um ato deliberado, a um suicídio de amor:

Imagina-se, noutra clube, Gilberto Cardoso? Estaria vivo até hoje, mas não teria vivido mais intensamente do que qualquer amante aquela lua de mel furiosade dia e de noite com o Flamengo. Entregaram-lhe o Flamengo para que amasse à vontade. E Gilberto Cardoso amou o Flamengo. Minuto-a-minuto, sabendo que aquele amor ia o consumir, como uma chama, sem parar. (...) Sabia que o coração não ia aguentar. De certo modo, suicidava-se conscientemente pelo Flamengo. Quem poderia impedir este suicídio de amor? (1967: 64-65).

Por outro lado, o acontecimento só se converte em um evento dotado de sentido mítico, quando alguns meses depois o time rubro-negro assegura o tricampeonato estadual. Dessa forma, quando o Flamengo triunfar em um estonteante quatro a um sobre o América, o clube se verá livre de uma dívida de gratidão com o seu presidente devoto. É justamente na vitória do tricampeonato que faz com que a morte de Gilberto adquira um sentido de evento – com início (a morte), meio (a espera), e fim (a vitória no tricampeonato e a resolução do conflito). À semelhança do mito, no sentido clássico proposto por Lévi-Strauss, a morte de Gilberto Cardoso é um evento que propõe e resolve uma contradição. Depois que o Flamengo sagra-se tricampeão, os torcedores invadem o cemitério São João Batista para celebrar com o presidente-defunto noite adentro o triunfo do campeonato. Em lágrimas, os dirigentes e os jogadores prestam mais homenagens, afirmando ter liquidado uma dívida. Neste contexto é lançada a rifa

dos Selos Gilberto Cardoso para construir uma estátua “de corpo inteiro” para o presidente que tanto amou o clube.

Gilberto é a imagem do rubronegrismo; é o ideal da paixão desbragada, que, à semelhança de uma febre, invade o corpo e o toma por inteiro. Como disse Mário Filho, “noutro clube, Gilberto estaria vivo até hoje, mas não seria vivido tão intensamente”. Ao contrário, o que marca a especificidade do caso tricolor, é a distancia, a sobriedade, o fair play, é a lembrança de que um jogo é só um jogo.

Arnaldo Guinle: o patrono tricolor

Nas últimas décadas do século XIX, os imigrantes franceses, Candido Gafree e Eduardo Guinle, venceriam a disputa pela concessão estatal do Porto da cidade de Santos, criando a famosa companhia Docas de Santos. Daí, então, a fortuna da família cresceria numa escala exponencial, face à expansão no café do Oeste Paulista, Santos se tornara o principal porto em âmbito nacional. Mais que isso: Candido falecera precocemente, e, sem família, deixaria sua parte da concessão para os descendentes de Eduardo e Guilhermina. A família Guinle fazia parte de um grupo de “homens novos”, que haviam feito fortuna no final do Império e início da República, mas que não tinham vínculo com a aristocracia imperial.

Alguns valores marcam e caracterizam o *ethos* deste grupo: o gosto pelo colecionismo, a valorização dos palácios como símbolos da modernidade, e, sobretudo, o mecenato é o principal traço diacrítico e distintivo desta camada emergente. Guilherme, por exemplo, o irmão mais velho, se dedicaria ao financiamento de pesquisas em saúde pública, criando boa parte do que é, no Rio de Janeiro, a Fundação Oswaldo Cruz e as pesquisas de Carlos Chagas. Nesta “cultura do mecenato”, os Guinle viam uma forma de “coligar classes sociais antagônicas”, valorizando a ideologia do civismo e o desejo de servir à nação.

Por sua vez, Arnaldo Guinle estendeu o mecenato às formas artísticas notadamente populares: os Oito Batutas, em excursão à Europa, foram financiados pelas mãos do cartola tricolor. O próprio Donga, em uma entrevista concedida ao Museu da Imagem e do Som, diria que “sem o Guinle, não haveria nada disso”. Arnaldo parecia ter uma predileção às organizações recreativas: além do Fluminense Futebol Clube, ele presidiu o Iate Clube e foi um dos membros mais assíduos do Automóvel Futebol Club.

No *looping* da montanha russa, o futebol, automóvel e iatismo são, como não se pode deixar de notar, signos e símbolos de uma modernidade que, tal e qual os Guinle, vem à luz na virada do século XIX. Convém notar que os seus irmãos, Eduardo e Guilherme, também presidiram o Fluminense por um breve espaço de tempo.

Guinle, sócio de número quarenta-e-oito, presidiu o clube por quase quinze anos consecutivos. Para João Malaia, ele teria sido o primeiro empresário da indústria esportiva, justamente porque se pôs a investir na construção de um estádio aumentando substantivamente as formas de receita do futebol. Ocupando postos estratégicos na Confederação Brasileira de Desportos, Guinle foi um cartola hábil em dirigir os recursos nacionais para o seu clube de origem, levando importantes competições sul-americanas ao clube das Laranjeiras. Além do estádio, Guinle construiu a primeira piscina em um clube de futebol, um ginásio, um stand de tiro, um estádio de tênis e uma nova sede com instalações elétricas. Já em 1920, Guinle era anunciado como o “patrono do clube”. De acordo com Renato Lanna Fernandez, a revista do clube assim o celebrava:

O melhor elemento da vida do sport brasileiro [...] e realizava o seu brilhante programa com segurança, equilíbrio moral e democrático – é a alma do Fluminense Futebol Club e conseqüentemente o elemento responsável por sua marcha crescente (Revista *O Tricolor*, apud Lanna, 2011: 123)

No que nem sempre é observado Arnaldo Guinle era, ele mesmo, um adepto e um entusiasta da filosofia do escotismo. Ele escreveu dois livros sobre o assunto. Noutra parte da minha dissertação, observei que os clubes, além de uma comunidade imaginada compõem uma comunidade moral em que determinadas regras são incorporadas através de uma longa educação corporal. Guinle seguia a risca os preceitos desta “comunidade”, enfatizando, em suas ações, o que uma antropóloga chamou de “ideologia da harmonia”. Grande incentivador do “Natal da Criança Pobre”, o presidente via o mecenato como uma forma de coligar e “harmonizar” diferentes classes sociais em tese antagônicas, mas que se desejava ser complementares.

Monumento tricolor, as representações sobre Arnaldo Guinle nos permite deduzir que ele representasse o tipo-ideal dos dirigentes tricolores: sóbrio, elegante, refinado, distante do “mundo” dos jogadores. À antítese de Gilberto Cardoso, cujo ato simultaneamente trágico e triunfal de doação, se faz por um evento fugidio; as doações

de Guinle de caráter patrimonial são feitas ao longo de muitos anos, implicando não paixão ou entrega, mas temperança e estabilidade. Numa síntese, o equilíbrio moral e democrático necessário para dar seguimento à “alma tricolor”. No interior dos clubes, o que as estátuas tematizam é a própria diferença entre o Flamengo e o Fluminense. Em que pese a honra e a dádiva afigurem-se como valores universais, as diferenças de doação traduzem as diferenças entre os clubes.

Bibliografia:

BROMBERGER, Christian. *Le match du football: une ethnologie d'une passion partisane à Naples, Marseille et Turin*. Paris: Éditions de la Maison de la Science d'homme, 1995.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de futebolistas no Brasil e na França*. Porto Alegre: Tese de Doutorado em Antropologia da UFRGS, 2005.

FILHO, Mário Rodrigues. *Histórias do Flamengo*. Rio de Janeiro, Record, 1967.

_____. *O Negro no futebol brasileiro*. São Paulo, Mauad, 2003.

FERNANDEZ, Renato Lanna. *Fluminense Football Clube: a construção de uma identidade clubística no futebol carioca*. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado em História e Bens Culturais. CPDOC, 2011.

GEERTZ, Clifford. “A religião como sistema cultural”. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “A estrutura dos mitos”. In: *A antropologia estrutural*. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

_____. *A antropologia diante dos problemas do mundo moderno*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas da história*. Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar Editor, 2003.

MAUSS, Marcel. Sobre um texto de Posidonio, o suicídio, a suprema contraprestação.
In: *Ensaio de Sociologia*. São Paulo, Perspectiva, 2003.

PEREIRA, Leonardo. *Footballmania: uma história social do futebol*. Rio de Janeiro,
Nova Fronteira, 1999.